REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)......	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	-$-	-$

30.º Anno — XXX Volume — N.º 1033

10 DE SETEMBRO DE 1907

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CONSELHEIRO JULIO MARQUES DE VILHENA

Chronica Occidental

Tanta vez nos queixamos de que a politica absorve todas as attenções e manifestamos o desejo de que alguma coisa succeda que possamos contar sem darmos o menor gasto aos nomes dos ministros! Tanto ha de que falar n'este momento, e pesa-nos não começar desde já citando decretos do sr. João Franco e commentarios das opposições.

Antes a politica, como já tem succedido, nos absorvesse toda a chronica. Mas como deixar de falar do caso lutuoso, da tremenda catastrophe succedida no Porto, na redacção do *Jornal de Noticias*? No momento alegre em que se vai proceder a um sorteio, no genero do que, ha pouco, o *Seculo* effectuou em Lisboa, a sala abateu com o peso dos espectadores e umas dez mortes e muitos ferimentos ha que lamentar. Os jornaes contaram pormenorisadamente a horrivel desgraça e a profunda impressão que ella causou no Porto e no paiz inteiro. Resta-nos apenas, doze dias depois, dizer como em actos generosos o sentimento se tem manifestado intenso merecedor de elogioso archivo. Espontaneos donativos, entre os quaes avulta o da familia real, teem vindo minorar a miseria de muitos. A redacção do *Jornal de Noticias* tem procurado dispensar os possiveis soccorros aos feridos. Uma infeliz menina, que no desastre perdeu a mãe, achou amparo na direcção do hospital do Conde de Ferreira. Não houve farmacia no Porto que levasse um real aos feridos a que acudiu. Devemos accrescentar que foram dignos de nota os serviços prestados pelo corpo de bombeiros e pela policia da cidade, bem como por muitos particulares, que se mostraram commovidissimos em seu coração.

Démos á tragedia n'esta chronica o primeiro logar. Desde o incendio do theatro Baquet que tamanho luto não pesava sobre a heroica cidade, e parece-nos que muitas lagrimas que lá tem corrido valem um pouco mais do que discussões politicas, muita vez servindo apenas para enramalhetar algumas flôres de rhetorica.

Muita vez, mas nem sempre, diga-se entretanto a verdade. Quem sabe se a opposição não entraria agora n'um campo novo que o governo perigosamente lhe abriu?

Falava-se, sem grandes iras, no caso da resignação do sr. Patriarcha e todos os politicos portuguezes andavam interessadissimos na nomeação do chefe do partido regenerador, quando na manhã do dia 4, tres jornaes, o *Seculo* o *Diario de Noticias* e o *Diario Illustrado* publicavam o decreto e relatorio sobre os Adeantamentos á Casa Real, o qual, poucas horas depois, apparecia no *Diario do Governo*.

Desde que o sr. João Franco, nas camaras, havia falado em adeantamentos illegaes, promettendo sobre o assumpto dizer toda a verdade e propôr o remedio que o caso requeria, não lhe deixava a opposição um momento de socego, perguntando-lhe constantemente pelo estado da questão. Socego não vai encontrar o governo, agora que o decreto appareceu.

Effectivamente logo, n'essa noite, as *Novidades*, o *Correio da Noite*, orgão dos progressistas, o *Noticias de Lisboa*, orgão dos regeneradores, e o *Dia*, orgão dos dissidentes, annunciavam em artigos muito energicos, e pela propria energia dos artigos, um maior vigor de opposição. O estylo varia. O artigo de fundo das *Novidades* intitula se: *A quem sahiu a... taluda;* o do *Correio da Noite, Crudelissimo desengano!* O estylo differe, como só pelos titulos se vê; mas o fundo dos artigos é o mesmo.

O *Noticias de Lisboa*, sob o titulo de *A absolvição dos adeantamentos*, sustenta a doutrina que ninguem póde pagar-se por suas mãos, e lembra que para pouco serve a constituição tendo-se reunido o Conselho de Estado só para a commutação da pena aos estudantes.

O mais vigoroso de todos é o artigo do *Dia*, dizendo: «Estamos lealmente ao lado de todos os que quizerem oppôr-se a este acto dictatorial, que é o remate de todas as provocações e de todos os ultrajes infligidos aos liberaes adversarios do absolutismo dominante, e para tudo o que se decidir fazer, não só em desaggravo dos conselheiros de Estado, assim expostos á irrisão publica, e dos partidos que elles representam, mas em desaffronta da nossa dignidade de cidadãos e de contribuintes, assim arrastada n'um soberano despreso de que a historia constitucional não regista egual exemplo.» Depois de recordar que o sr. José Luciano, na reunião de 26 de agosto, dissera que não seria monarchico n'uma monarchia absoluta, pergunta: «Tomam os partidos decisões muito claras e positivas para se submetter á Corôa DESDE JÁ o problema monarchico nos termos em que, claramente e de vez, lhe deve ser apresentado? Com elles estaremos e quanto mais democraticas forem as suas formulas democraticas, mais enthusiastica será a nossa adhesão.»

Veiu tão de surpreza publicado no *Diario do Governo*, este decreto de liquidação de adeantamentos á casa real, que ficaram em reticencias muitas frases que no instante se iam formulando sobre a chefia regeneradora, assumpto de molde para entreter a mania politica portugueza.

E interessante era devéras. A lucta estava reduzida a dois combatentes, o sr. Julio de Vilhena e o sr. Teixeira de Sousa, que n'uma entrevista que teve com um redactor do *Seculo* expoz todo o seu programma. Ao sr. Julio de Vilhena escreveu o sr. general Pimentel Pinto convidando-o, em nome de todos os antigos ministros regeneradores, com excepção do sr. Teixeira de Sousa, a apresentar a sua candidatura. Mas surgem incidentes. Ha ex

cepções entre os convidantes. O sr. Rafael Gorjão conserva-se neutral, o sr. Antonio d'Azevedo Castello Branco não auctorisou a inclusão do seu nome como dando apoio á candidatura do sr. Vilhena e o sr. Moraes de Carvalho, quanto a politica, prefere abandonal-a recolhendo á vida particular.

Uma scisão do partido é portanto, senão certa, pelo menos muito provavel.

Era um dos casos do dia, a que devemos juntar o da renuncia que se dizia ter sido pedida de seu cargo pelo sr. Cardeal Patriarcha, o que parece não é verdade. Mas o facto é que varias complicações surgiram a respeito d'essa carta que se diz ter sido escripta a Pio X pelo Patriarcha de Lisboa, e até já muito se falava na sua successão e em varias nomeações de bispos a que essa vaga podia dar origem. O assumpto ainda está para ser resolvido e até agora só com evidencia tem sido demonstrada a grande sympathia que o Patriarcha de Lisboa tem merecido a todos por sua modestia e coragem moral a toda a prova, n'um tempo em que tão raras se tornaram estas virtudes.

Se quizermos novas alegrias, teremos de sahir de Lisboa e ir procural-as á Africa, onde as armas portuguezas obtiveram mais uma victoria, que tanto era precisa para seu prestigio. A villa — agora cidade — de Mossamedes poz-se em festa. O Cuamata era até hoje um nome que quasi nos envergonhava. É de esperar que a victoria continue.

Infelizmente mais algum bom sangue portuguez n'aquelles campos foi derramado. Dez soldados lá ficaram mortos e feridos alguns officiaes.

Depois de uma festiva viagem pelo sul de Africa, onde um enthusiasmo crescente o acolheu, devia o Principe sr. D. Luiz Filippe, estimar, ao entrar em Mossamedes, encontrar a boa nova e a população cheia de alegria. Foi de seus primeiros cuidados telegraphar ao sr. ministro da guerra, que ao mesmo tempo outro telegramma recebia do sr. ministro da marinha, confirmando as noticias já transmittidas.

Nem tudo são novas ou commentarios tristes. Mas ainda com aquellas não acabamos.

Dois doentes illustres tem ultimamente inspirado vivissimo cuidado: o sr. Barbosa du Bocage, cujos padecimentos se aggravaram, e o sr. Dias Ferreira, que em Vidago, onde se achava em tratamento, foi accommettido por uma congestão. Ambos os enfermos melhoraram o que muito estimamos.

Tambem peorou o estado do nosso querido amigo, um dos primeiros lyricos portuguezes, Fausto Guedes Teixeira. Deus permitta que o melhorem os ares da nossa provincia do norte, para onde os medicos o mandaram partir á pressa.

Lisboa voltou a estar insupportavel. Quando já umas tardes muito frescas nos asseguravam a retirada do verão, este arripiou carreira, e outra vez asphixiante, poz a população nervosa, a suar em bica. N'uma arvore, aqui perto d'onde escrevo, uma cigarra canta desenfreadamente, lembrando junho no Alemtejo.

Começa-se em Portugal, e ainda bem, a pensar um pouco na maneira de melhorar as condições de bem estar, que tão más teem sido, em quasi toda a parte, até hoje, afastando os estrangeiros. Um grupo, que podemos chamar de patriotas, reuniu em assembléa geral para tratar dos melhoramentos de Cintra, pensando desde já em alargar a estrada da Estephania, ligar Cintra a Cascaes por uma linha de tracção electrica, installar a luz electrica, abastecer a villa com agua sufficiente, concertar as estradas, etc. O que tambem deviam era conseguir que melhor gosto presidisse ás construcções e impedil-as onde os pontos de vista sejam prejudicados. Cintra, por falta d'arte, em vez de commover pela belleza da natureza, arripia em muitos pontos o senso esthetico e até o senso commum.

E para terminar, ainda politica: Foram suspensas as *Novidades*. Continuam os sensos em discussão.

João da Camara.

Conselheiro Julio Marques de Vilhena

O sr. conselheiro Julio Marques de Vilhena cujo retrato honra hoje as paginas desta revista, nasceu em Ferreira do Alemtejo a 31 de julho de 1846. Cursou a Universidade de Coimbra, onde se formou em direito e tomou capelo em 1872 sendo um dos mais laureados estudantes que tem passado naquella escola superior de ciencias.

Em 1873 publicava: *As raças historicas da peninsula Iberica e a sua influencia no direito portuguẽs*, obra que lhe abriu as portas de todas as Academias, valendo-lhe os elogios de nacionaes e de estrangeiros, contando-se entre estes Victor Hugo, Michelet, J. Elva y Villa, Amador de los Rios, Benigno Martinez, Manuel Torres Campos, e entre aquelles Herculano, Castilho, Camillo Castello Branco, Oliveira Martins, Thomaz de Carvalho, D. Antonio da Costa, Sousa Viterbo, Innocencio F. da Silva e outros que ora não nos ocorrem. Esta obra deu origem a varias controversias, entrando na contenda as melhores penas da epoca como, Theophilo Braga, Oliveira Martins, Adolpho Coelho, etc.

Pouco depois encetou sua carreira politica como deputado, e no parlamento revelou seus talentos a par do estudo das questões administrativas, que desde logo o indicaram para mais elevada missão na politica portuguêsa. Assim foi convidado por Antonio Rodrigues Sampaio a entrar no ministerio por elle formado em 1881, distribuindo-lhe a pasta da marinha. Neste ministerio entrou tambem Hintze Ribeiro, apresentado por Julio de Vilhena a Sampaio, como entrou Lopo Vaz, sendo por isso chamado o *ministerio dos meninos*, por serem estes tres ministros todos muito novos, o que constituiu acontecimento de notar naquella época, mas que hoje passaria sem maior reparo.

A estreia do sr. Julio de Vilhena foi auspiciosa como ministro, pois que a sua gerencia na pasta da marinha é justamente considerada como das mais fecundas da administração colonial.

A quem escreve estas linhas disse o sr. Julio de Vilhena algum tempo depois de ter assumido aquelle elevado cargo, que o tomara cheio de vontade de trabalhar e de produzir alguma coisa de util em beneficio dos nossos dominios coloniaes, mas que mais de uma vez se sentia desanimar no meio das contrariedades e obstaculos que se opunham aos seus intentos.

Isto, porém, não impedio que a sua inergia não triumfa-se muita vez, e que no seu consulado promulgasse leis de grande alcance que iniciaram uma nova vida ás colonias portuguêsas, de que ha muito vem reconhecendo-se seus beneficos efeitos.

Um dos actos mais importantes da sua gerencia, foi a creação de estações civilisadoras, com o fim de ocupar e bem estabelecer a soberania de Portugal na Africa, fortemente ameaçada então pelas acusações de Stanley e de Camerom.

Preparava-se seguramente um grande conflito para a conferencia de Berlim, pelo quasi abandono em que se conservavam as nossas colonias, mas esse conflito foi previsto pelo novel ministro, que decretou aquella medida, cuja completa execução teria assegurado a nossa posse indisputavel dos dominios coloniaes, evitando que outras potencias se apossassem ali de territorios portuguêses.

São conhecidas as pretenções que teve Stanley de se apossar da foz do Zaire para servir o Estado Livre do Congo. Essas pretenções foram energicamente combatidas pelo sr. conselheiro Julio de Vilhena, estabelecendo logo como porto principal da navegação para a Africa, contratada com a Empresa Nacional, o Zaire, e não se limitando a isto, fez estabelecer neste rio uma navegação de vapores pequenos, dos quaes um denominado *Vilhena*, em homenagem ao ministro que tomara tão util e patriotica iniciativa.

Para a Huilla, planalto de Mossamedes e terra de grande fertelidade, creou uma missão, que tem dado bons resultados.

Procurou praticamente garantir o nosso dominio em Africa e desenvolver a exploração do seu solo, regulando-a e promovendo a corrente de emigração subsidiada pelo governo, para o que destinou pelo seu ministerio a verba de 30:000$000 réis annuaes.

A sua reforma administrativa das colonias, extremamente liberal, foi outro acto importante da sua gerencia, mas as proprias liberdades em que se baseava, levantaram tal oposição dos governos locaes, que não se conseguiu pôr em pratica.

Durante o periodo de 1881 a 1883 gerio o sr. conselheiro Julio de Vilhena não só a pasta da marinha, como desta transitou para a da justiça e, interinamente, ocupou por pouco tempo a da fazenda.

Como ministro da justiça preparou varias propostas que não chegou a apresentar ao parlamento naquella qualidade, mas que depois apresentou como deputado, e foram ellas: a dotação do clero, o registo civil, a revisão das sentenças em materia criminal, a assistencia judiciaria e o regulamento das prisões sem culpa formada.

Ainda na sua gerencia da pasta da justiça e dos negocios eclesiasticos, não devemos esquecer a luta que sustentou com a Santa Sé, por causa da nomeação de bispos, luta em que soube manter bem alto o prestigio do governo portuguẽs.

Em 1890 voltou a ocupar a pasta da marinha, na vaga deixada pelo sr. conselheiro João Arroyo que passou a ministro da Instrução Publica, novo ministerio creado por decreto ditatorial de 7 de abril daquelle anno.

Como se sabe, a situação presidida por Antonio de Serpa durou pouco, no meio de mil dificuldades, que as circunstancias anormaes do país e da politica, que fizeram cahir, no curto espaço de dois annos, tres ministerios. Apesar disso a passagem do sr. conselheiro Julio de Vilhena pela pasta da marinha ainda ficou assinalada por medidas de importancia, muito especialmente referentes á nossa armada.

Desta rapida enumeração de serviços prestados pelo sr. conselheiro Julio de Vilhena, se reconhece que seus actos de ministro deixaram boa memoria, pelo alcance que tiveram e pelo muito trabalho e atividade que representam.

O sr. conselheiro Julio de Vilhena é de ha muito par do reino e conselheiro de estado efetivo, honras que bem lhe assentam porque a ellas tinha justo direito por sua capacidade de estadista experiente e de valioso conselho, sendo hoje o unico que resta da velha escola de Fontes Pereira de Mello, o ultimo que recebeu lições dos politicos que formavam a constelação dos velhos liberaes.

Tratando-se agora da chefia do partido regenerador a opinião geral voltou se para o sr. conselheiro Julio de Vilhena, como sendo aquelle que o sufragio naturalmente indicaria, entretanto uma duvida se levantou e foi a delle aceitar essa chefia, considerando-o alguns um tanto divorciado deste partido. Esta duvida porém desvaneceu-se com a resposta que o sr. Julio de Vilhena deu á carta que lhe foi dirigida pelo sr. Pimentel Pinto, em nome dos ministros de estado honorarios regeneradores, á excepção de um (sr. conselheiro Teixeira de Sousa) convidando-o a propôr a sua candidatura a chefe do partido.

No seguinte trecho que transcrevemos dessa carta, explica o sr. conselheiro Julio de Vilhena a sua atitude no partido.

. . . .

«Alistei-me no partido regenerador e nunca n'outro militei. A minha biographia politica, como homem de governo, a elle pertence exclusivamente, porque tendo sido ministro em quatro situações, em todas ellas fui representante d'essa grande collectividade. A situação ultimamente creada por mim não foi uma situação de divorcio politico, porque, pondo de parte pequenas divergencias de administração, sempre auxiliei os governos regeneradores, exercendo a presidencia da commissão de fazenda na camara dos pares, dando-lhe o meu voto, e não lhe levantando embaraços de nenhuma especie. Não me sujeitei, é certo, á direcção do grande homem de Estado cuja perda a patria e a monarchia lamentam, mas isso não representou nem uma scisão no partido, nem uma falta de reconhecimento das elevadas qualidades do seu chefe. Nem houve entre nós um rompimento de relações, nem por minha parte a manifestação de qualquer despeito por ver n'aquelle logar quem tão brilhantemente o havia conquistado. Hintze Ribeiro e eu fomos dois amigos de infancia, morámos na mesma casa, lemos os mesmos livros, fizemos a nossa educação em commum, e, ao terminar, no mesmo dia, o nosso curso, em que disputámos leal e nobremente as distincções academicas, sem que, durante o espaço de seis annos, vislumbrasse entre nós o mais ligeiro lampejo de ciume ou desgosto, apparecemos unidos como dois irmãos, publicando juntos os nossos trabalhos e escrevendo ambos que aquella communhão intellectual representava acima de tudo, a estreita amisade dos seus auctores. Diante de mim está um juramento feito na pagina d'um livro, ha trinta e cinco annos, e por ambos assignado, em que promettiamos ser amigos durante toda a vida. E amigos fomos, realmente. Elle morreu e com elle parece que uma parte de mim proprio se desfez e o acompanhou ao seu jazigo. Raros lamentarão tanto a sua morte; raros terão para lhe orvalhar o tumulo mais sinceras lagrimas!

A situação particular creada pelas circumstancias entre mim e Hintze Ribeiro, — situação que supponho nunca ter existido entre dois homens publicos, — estabelecendo a egualdade entre ambos, excluia naturalmente o predominio d'um sobre o outro, e a velha e intima amisade exigia tambem que um não podesse ser do outro adversario. Assim vivemos nos ultimos sete annos: elle não podia ser meu chefe e eu não podia deixar de ser seu amigo.

E' isto um rompimento com o *partido regenerador?* De certo que não. E' apenas um estado psychologico de dois homens ambos affectuosos e que toda a gente bem intencionada comprehende, sem necessidade de recorrer a suppostas separações de ordem politica».

. . . .

Esta carta se explica a atitude do homem de estado, mostra tambem a sua insenção de nunca ter criado dificuldades ao seu partido por mal contida ambição ou despeito.

Depois da publicação da referida carta apareceram declarações do sr. conselheiro Antonio de Azevedo de que não autorisava a incluir o seu nome no convite feito ao sr. Julio de Vilhena, do sr. conselheiro Rafael Gorjão, que se conserva neutral, e do sr. conselheiro Moraes de Carvalho que se retira da politica.

O sr. conselheiro Teixeira de Sousa propõe sua candidatura a chefe de partido, e numa entrevista que teve com um redátor do *Seculo* expôz o seu programa, em que mostrou conhecer bem a situação politica e financeira do pais e quaes as formulas que convem adotar na publica administração, que afinal estarão hoje no animo de todos os que se proprõem governar.

Entretanto o sr. conselheiro Teixeira de Sousa não pretende com a sua candidatura criar dificul-

Viagem de Sua Alteza o Principe D. Luis Filipe ás Colonias

dades ao partido, neste momento e n que o mesmo mais convem conservar-se unido, sem scisões que o possam enfraquecer.

C. A.

Viagem de S. A. o Principe D. Luis Filipe ás Colonias

XII

Como ficou dito no capitulo VIII, o Principe Real seguiu de Lourenço Marques para Moçambique, ilha que dá seu nome á grande provincia que vae desde Lourenço Marques até Cabo Delgado, abrangendo mais de 2:000 kilometros de costa e 1:000 para o interior, comprehendendo os distritos de Quilimane, Senna, Tette, Zambeze, Soffala, Lourenço Marques e Cabo Delgado.

A capital desta provincia está estabelecida na ilha de Moçambique, descoberta por Vasco da Gama, em Março de 1498, quando em viagem para a India, e que ali aportou com as caravelas *S. Rafael*, *S. Gabriel* e *Berrio*.

E' a mais velha das possessões portuguêsas, em Africa, e quando os nossos nella se estabeleceram existia lá uma colonia arabe.

EM MOÇAMBIQUE — O CAES DA ALFANDEGA

A bahia que fórma o porto de Moçambique vem desde a ponta da Cabaceira pequena, ao norte, até á da Chaça, ao sul, na costa, sendo a ilha como que um quebra-mar. Este porto é bastante amplo oferecendo ancoradouro a grande numero de navios de alto bordo.

A provincia de Moçambique é das colonias portuguêsas a que mais se tem desenvolvido nos ultimos annos, refletindo nella as prosperidades de Lourenço Marques. Nos meiados do seculo passado as receitas publicas mal chegavam a 100 contos annuaes. Essas receitas foram lentamente crescendo, que em fins do seculo passado já excediam 1:000 contos, até que no anno ultimo subiram a 4:500 contos.

A este crescer de rendimentos publicos corresponde o desenvolvimento do seu comercio de importação e de exportação, que em 1906 se elevou a 55:379 contos. Entretanto a metropole escassamente participou desse movimento comercial que para ella pouco mais atingio de 1:000 contos, pelo que se reconhece ali o predominio estrangeiro.

A alfandega de Moçambique é obra do seculo XVIII e foi mandada edificar no reinado de D. João V durante o governo de D. Francisco de Mello de Alarcão Sotto Mayor, sendo mais tarde reedificada e ampliada com caes e guindastes no reinado de D. Maria I, conforme uma inscripção que se lê por cima da porta do norte. E' obra solida com o caracter da epoca.

Proximo da alfandega e á beira-mar é o palacio do governo, em frente de uma bonita praça ajardinada. Este palacio, chamado tambem de S. Paulo, invocação da capela que lhe fica ligada, foi colegio de jesuitas de S. Francisco Xavier. No governo, porém do capitão general Balthazar Manuel Pereira do Lago, de 1765 a 1779, foi o palacio reconstruido e apropriado para residencia dos governadores e hospedagem dos vice reis da India quando ali passavam.

Neste palacio foi Sua Alteza agora recebido na visita que fez á velha colonia. Não é uma obra sumptuosa, mas é vasto e confortavel, sendo a sua situação a melhor da ilha.

Os Paços do Concelho de Moçambique onde Sua Alteza é tambem recebido pela camara, é outro bello edificio antigo, que foi propriedade particular, mas que apropriado aquelle fim, se tornou um dos melhores paços municipaes das colonias, espaçoso e elegante, onde funccionam todas as repartições da camara, tribunal de justiça, quartel de policia, cadeia civil e um teatrinho.

A cidade de Moçambique tem todo o aspéto de uma cidade antiga, refletindo-se nella uma certa grandesa do nosso derruido imperio da India.

De Moçambique seguiu o Principe D. Luis Filipe para Quelimane, a mais formosa e pitoresca villa daquella provincia, com suas largas ruas arborisadas, por onde se estendem as edificações isoladas umas das outras, alargando-se a villa por uns 1000:000 metros quadrados.

Quelimane toma o nome dorio na margem do qual está edificada e a que Vasco da Gama chamou dos Bons Sinaes, quando na embocadura norte do mesmo colocou, em 1498, o padrão de S. Rafael.

A villa data de 1763. O seu terreno é muito fertil, e é considerada o celeiro da provincia, sendo um centro importante de comercio, para o que muitos navios acodem ao seu bello porto.

XIII

Em Moçambique e Quelimane foi Sua Alteza acolhido com entusiasticas festas em que o povo manifestou sua alegria pela visita do Principe Real, honra que aquellas terras nunca haviam recebido e que por isso tanto mais é de apreciar. Foi assim que as populações maior brilho deram a recepção oficial, associando-se de vontade aos festejos publicos em honra de Sua Alteza.

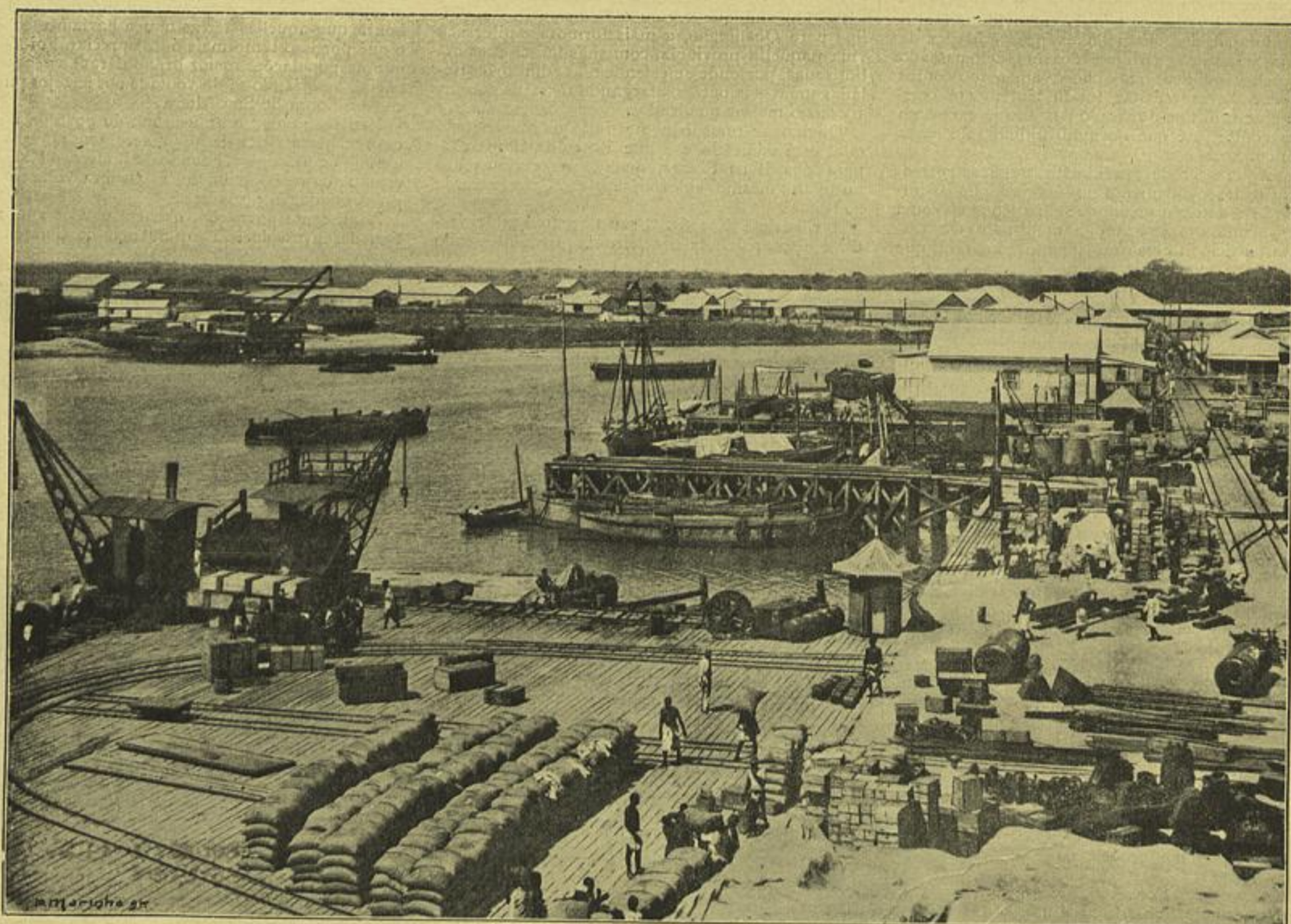
Não foi menor o entusiasmo do povo da Beira em receber a visita de Sua Alteza, que ali estivera um dia de passagem, quando de Lourenço Marques seguiu para Moçambique, e que ora volta no regresso daquella provincia.

A nascente povoação, que em poucos annos se tem desenvolvido sob a influencia da Companhia

EM MOÇAMBIQUE — PALACIO DO GOVERNO E CAPELA DE S. PAULO

(De fotografias)

Viagem de Sua Alteza o Principe D. Luis Filipe ás Colonias

Em Moçambique — Paços do Concelho, Tribunal, etc.

Na Beira — Vista do Porto e caes da Alfandega
(De fotografias)

Viagem de Sua Alteza o Principe D. Luis Filipe ás Colonias

Em Quelimane — Residencia do Governo
(De fotografia)

R. grande Cat

A grande Catastrofe nas Salas da Redação do «Jornal de Noticias» na cidade do Porto

Predio da rua do Laranjal, no Porto, onde se acha instalado o «Jornal de Noticias» — A sala do sorteio no momento da catastrofe
(Desenho composto segundo a descrição enviada por nosso correspondente do Porto) — Vide Chronica Occidental

de Moçambique reconstituida em 1891, foi agora elevada a cidade, para commemorar a visita do Principe Real.

O engrandecimento da Beira, no breve espaço de uns 15 annos, é mais uma prova do nossa força colonial.

A Beira era uma pequena povoação indigena nas margens do rio Pungue, sem comercio, quasi sem casas, quando a Companhia de Moçambique a escolheu para centro da sua instalação, em Africa, e em poucos annos a transformou numa cidade comercial e moderna, com um bello porto, caminhos de ferro em comunicação com o interior, em que se conta a Rhodesia explorada pela *British South Africa Compagny.*

A passagem de Sua Alteza na Beira foi no dia 4 de agosto, dia festivo para aquella cidade, que toda se embandeirou e por suas ruas foram dispostos renques de palmeiras e festões de verdura.

Musicas e dansas dos indigenas celebraram a chegada do Principe que foi recebido por todas as autoridades da terra, direção da Companhia de Moçambique, com o sr. Pinto Basto á frente, e toda a melhor sociedade da Beira, conjuntamente com o grosso da população, aclamando o regio visitante.

Houve recepção e jantar na residencia no governo da Companhia, e nesse dia Sua Alteza presidiu ao lançamento da primeira pedra para os edificios do Tribunal e da Cadeia, assim como foi inaugurar a Escola de Artes e Oficios.

Todas estas ceremonias se realisaram com grande solemnidade, assinalando assim a visita do herdeiro da corôa de Portugal com o inicio de importantes melhoramentos para a nova cidade.

CAETANO ALBERTO.

O CANTO DO SINO

(SCHILLER)

(Excerpto)

Como já as cannulas aquecem,
E escurecem!
Mergulho esta varinha:
E se a vejo apparecer bem polidinha,
Estamos a tempo p'ra a obra,
Mas não sobra!
Sus, pois! agora, rapazes!
Examinae bem a intriga;
Se o rijo e o macio, tenazes,
Unidos, dão boa liga.
Pois, onde o brando e o severo.
Ou o forte e o fraco emparelham,
Resulta sempre tempero,
E, á fé, que os dois se assemelham.

E, se a alliança é eterna,
Seja a das almas, capital;
Pois póde a paixão mais terna,
Ter penitencia afinal.

Linda, da noiva nas tranças,
Rebrilha a c'rôa virginal.
E das egrejas nos sinos,
Ha repique triumphal.
A mais linda festa da vida,
D'esta tambem finda o maio,
E, ao cahir do véo, do cincto,
Entra o sonhar em desmaio.
A paixão nos foge, arrefece,
Mas o amor tem que durar;
A flôr, esfolhada, fenece,
Mas o fructo ha-de vingar.
O homem, tem, por ahi fóra,
Que ganhar a vida, hora a hora,
E a vida é sempre inimiga.
O homem lucta, investiga;
Tem que pensar, e lidar,
Que excogitar, e munir-se,
E abalançar-se e guarir-se,
P'ra a felicidade alcançar.

Bens acodem, então, aos mil, ou incontaveis;
Com bençãos, com primicias, atulha-se o celleiro;
A casa augmenta:
Da Ventura parece o paradeiro.
E lá dentro impera,
Uma honesta donna,
A boa mãe do ninho,
Dominando, sabia,
Pelo carinho:
A educar os filhos,
E a crear as filhas,
E, sem cessar, lidando,
Co'os exforçados braços,
E, sem embaraços,
Quantas mil riquezas,
Por quantas mil bellezas,
Multiplicando!
E as arcas aromaticas enchendo,
E com a róca zunidora trabalhando,
E o linho alvinitente,
E a lã esplendente,
Na arca-mór mettendo,
E agglomerando;
E assim,
Ao util ajunctando
O agradavel,
E sempre infatigavel!
Feliz, então, o pae, e mui contente,
Da janella de um sotão, bem do alto,
Em revista passa a casa florescente:
Vê as robustas traves do celleiro,
A este vê, carregado de mil dons;
Dos armazens as quadras, e os sons,
Que dos campos lhe traz vento fagueiro.
E já vaidoso, exclama:
«Bem firme,
«Qual da terra, valente,
«O pedestal,
Contra os arcanos do Mal,
«Me está da casa a fama!»
Mas nada ha que o confirme.
Contra as potencias da sorte,
Não ha norte;
Nem alliança segura,
Que anniquile a desventura.

ALEXANDRE FONTES.

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO X

(Continuado do n.º 1031)

A carta assináda no Palacio da Ajuda em 13 de outubro de 1766 concéde-lhe bastos rendimentos.

Por ella ficou o Colégio dos Nobres dotado com os seguintes bens:

1.º Os edificios do colégio e outros adjacentes, comprehendendo o templo dos jesuitas e as duas cêrcas (chamadas de dentro e de fóra) com todas as suas pertenças, ações, logradoiros e fóros;

2.º Todos os bens de rais, padrões de juro, propriedades de casas e herdades, que tinham pertencido ao noviciado com obrigação de emprazamento da quinta de Campolide e dos demais terrenos que possuisse com frente para as ruas já abertas, em conformidade com o plano de reedificação da cidade;

3.º A perpétua e irrevogável administração de todas as capélas existentes na igreja e nella instituidas, com obrigação de seus encargos (1) e de mais 6 capélas que instituiu o almirante de Castella, D. João Tomás Heriques de Cabréra, para logo poder o colégio entrar na pósse de dois padrões de 40 contos de réis, impostos nos direitos do sal de Setubal, um comprado pela testamentaria ao marquês de Rávara e outro tomado á mesma por el-rei D. Pedro II;

4.º A quinta de Val de Rosal, pinhaes a ella anexos e o directo dominio e fôro da quinta de Val Escuro, bens estes que tinham pertencido ao Colégio de Santo Antão;

5.º Todas as terras propriedades e fóros, comprados, no sitio da Cotovia, ao marquês de Penalva, pela testementaria do almirante, com todos os seus direitos e ações;

6.º A quinta das Lobátas, no rocio da Amóra, com o pinhal do Saboeiro, no limite da mesma, compradas tambem pela testamentaria, para que o colégio a administrasse pérpetuamente, percebesse os seus réditos e cumprisse os seus encargos;

7.º Cincoenta ações da companhia de Pernambuco, mandadas comprar pelo governo, em nome do colégio;

8.º As rendas dos terrenos, que foram da casa de Aveiro, no sitio da Esperança com todas as suas pertenças ou para se edificarem propriedades ou para se aforárem;

9.º O rendimento de uma pensão annual de 30 moios de trigo e outra de ceváda, em que a mitra de Evora se achava agravada a favor do colégio (por terem ali habitado os regulares expulsos) e outra pensão annual imposta nas rendas da mesma mitra, na importancia de 192$000 réis, com outra de 214$900 réis aplicada da mesma fórma, na renda da fábrica da Sé e com os dizimos de Extremoz, do Lavre e da igreja de S. João Baptista de Montemór o Novo.

Esta ultima dotação, referindo-se aos bens da mitra tem o seguinte fêcho .. *«os quaes bens por «serem ecclesiasticos doto com o parecer do Arcebis- «po, como por direito me é permitido, depois que «houve quem, com tanto desprazer meu, impedisse e «fechásse inteiramente as vias por onde se podia pro «seguir o recurso, que filial e obsequiosamente fiz ao «pápa sobre esta matéria.»*

O marquês tinha o segredo das vingançasinhas de surprêsa. Esta foi uma dellas. Mal diria o Arcebispo que a sua proteção aos jesuitas lhe havia de sair do bolso!

A carta régia termina rogando aos reis futuros o respeito por ella e a seguir numa rajáda, contraditória com tão bonitos modos de pedir, diz assim: *«Mando que em nenhum caso capitado ou não ca- «pitado, fortuito ou ainda insólito possa ser mudáda, «diminuida ou minguada, no todo ou em parte, esta «dotação; antes pelo contrário será sempre observada «em todos os tempos e em todos os casos!»* (1)

O mesmo tinha dito naturalmente Fernão Telles ao fundar o noviciado que lá foi extinto sem respeito pelas clausulas da fundação. Mas onde se fazem ahi se pagam e, em 1838, a constituição aboliu o Colégio dos Nobres, sem se importar com os casos capitados, fortuitos e insólitos da prosa arrevesáda de Pombal.

*

Os estatutos do colégio eram absurdos em nossos dias; foram entretanto excelentes no seu tempo.

Ribeiro Sanches bebêra nas obras pedagógicas do barão de Briefeld, a que era muito afeiçoado, a ideia daquella instituição. Ora o barão martelava constantemente na necessidade de se estabelecerem academias para os nobres, e foi isso que o sabio português segredou epistolarmente ao marquês (2)

Fez-se portanto um colégio só para os nobres.

Os estatutos, divididos em 15 titulos, punham defeza a nova casa de instrução a quem não fosse nobre dos quatro costados e tivesse o sangue maculado de glóbulos plebeus.

O fôro de moço-fidalgo devia acompanhar o requerimento de admissão. A entrada mediava dos 7 aos 13 annos e a pensão annual era de 100$000 réis. O vestuario dos colegiaes era umas garnáchas compridas como tógas de desembargadores. Quando saiam do edificio o vestuario variava conforme se eram primogenitos ou filhos segundos. Estes deviam usar batina e capa e aquelles casáca de pano.

Era tambem obrigatorio trazerem ao peito uma medalha, com a imagem da Imaculada Conceição de um lado e com a inscripção do colégio do outro.

Ensinavam se ali as linguas latina e grêga, francêsa, inglêsa e italiana; a retórica, a lógica, a poética, a fisica, a matemática, a arquitetura e o desenho, não falando de outras aulas especialmente práticas onde se iniciavam os estudantes nos segredos da dança, da esgrima e da picaria.

O regimen interno era bem regulado.

Os estudos abriam-se no dia 1 de outubro e fechavam no ultimo dia de julho, e havia horários de verão e de inverno sendo em ambos a faina diária intercalada de descanços e de longos exercicios devótos.

*

A severidade dos estatutos não foi, porém, conservada muito tempo.

Em 1772, onze annos depois da criação do colégio e apenas sete do seu funcionamento, Bento José de Sousa Farinha, que era ali professor de filosofia, fez uma memoria a D. Rodrigo de Sousa

---

(1) Nesta carta de doação além das capélas que mencionei ao descrever a igreja, apontam-se mais seis, a saber: a capéla de João Marchão, de D. Joanna dos Reis Corte Real, de Manuel Dias Leite, de José Pereira Santiago, de D. Madalena Joanna de Castilho e de Paulo de Araujo. No livro das capélas, que então mencionei, não veem citadas. Seriam erigidas depois?

(1) Carta de doação, já citada.

(2) São de Ribeiro Sanches as seguintes palavras: «Parece-me «que vistos os notaveis inconvenientes da educação domestica «e das escolas ordinarias não fica outro modo para educar a «nobreza e a fidalguia do que aprender em sociedade ou em «colégios: e como não é cousa nova hoje na Europa, esta sorte «de ensino com o titulo de corpo de cadetes, escola militar ou «colégio dos nobres, atrevo-me a propôr á minha patria esta «sorte de colégios, não sómente pela suma utilidade que tirar «desta educação, mas sobretudo o estado e todo o povo.»

Curso de Literatura Portuguêsa, por Camillo Castello Branco. Vidè Ribeiro Sanches.

Coutinho expondo-lhe a vã ostentação e luxo excessivo que havia dentro daquella casa de ensino. Gastavam-se por anno oitocentos mil cruzados, obrigando tal despeza a cercear os vencimentos dos professores.

Chegara tudo a um tal estado de relaxação e de desordem, que não houve remedio senão publicar um decreto cortando inumeros abusos e infrações do regulamento e dando toda a força aos méstres para manter no colégio a necessaria disciplina e acabar de vez com scenas pouco edificantes que, frequentemente ali se davam, com grande escandalo de todos. (1)

*

Os primeiros professores que teve o colégio eram quasi todos estrangeiros. Esse genero abundava então pouco por cá. Sómente o mestre de desenho tinha sido nascido e baptisado em terra portuguêsa. Foi um célebre gravador chamado Joaquim Carneiro.

Entre os primeiros notabilisaram-se o Dr. Miguel Franzini, o abbade Talier e o Dr. Vandéli. Os proprios professores de dança, esgrima e equitação eram estrangeiros.

Em Coimbra, na Universidade, sucedia o mesmo. Só José Anastacio da Cunha, antigo aluno da aula de artilharia e professor de matemática representava, entre o professorado, o nosso pais.

Felizmente soubemos aprender e não foram em vão as lições dos estrangeiros.

Alguns annos depois, já davamos mais largo contingente para as escólas, honrando o pais e os mestres escolhidos pelo dêdo habil do abade Faviolati. (2)

(Continua.)

G. DE MATOS SEQUEIRA.

O MEZ METEOROLOGICO

Agosto 1907

Barometro — Maxima 768mm,1 em 12.
» Minima 757mm em 26.
Thermometro — Maxima 36,°3 em 21.
» Minima 15,°8 em 7.

Foi um dos mezes de agosto mais quentes que se conhecem, caso que se não repetia já desde 1903. O thermometro elevou-se acima de 30° nos dias 3 (30,8), 11 (31,7), 12 (32,5), 13 (32,1), 14 (30,0), 17 (32,0), 18 (32,2), 19 (32,3), 20 (36,0), 21 (36,3), 22 (32,5) e 26 (30,5).

Temperatura media do dia 21, 29,°5. A mais baixa no dia do mez foi de 18,°50 em 7, com um maximo de 21,°8.

Nebulosidade — Ceu limpo ou pouco nublado 23 dias. Nublado 8 dias.

Chuva — Apenas um dia de chuva escassa em 26, com trovoada longiqua.

Relampagos — Em 26 e 27.

Halo da lua — Em 21.

MARROCOS

Os acontecimentos de Casa Branca

Pouco mais de um anno vae passado que as potencias reuniram na Conferencia de Algeciras e se firmou o acordo com o imperio de Marrocos para aceitar a ação pacifica e civilisadora das nações da Europa, e terem estas ali as necessarias garantias de segurança para os seus subditos e para o seu comercio (3).

Na mesma conferencia se resolveu que fossem a França e a Espanha as potencias encarregadas de estabelecer em Marrocos a policia necessaria para tornar efétivo o acordo, visto que o sultão não podia garantir em absoluto o seu cumprimento, por lhe faltarem para isso os elementos precisos.

Abd el-Azis presentia que o seu povo não partilhava com elle das mesmas ideias de transigencia com as potencias, e estas por sua parte tambem não confiavam demasiadamente no acordo feito.

Disso apareceu agora a prova com a iniciação das obras de um caminho de ferro, a que o povo se opôs de mão armada e em que praticou actos de selvageria atentando contra a vida dos europeus que lhe queriam implantar na sua terra este melhoramento.

A policia estrangeira teve de entrar em ação e a luta assumiu grande e graves proporções, especialmente em Casa Branca, que tem sido o teatro dos acontecimentos.

A Espanha e a França enviaram ali seus navios de guerra e o couraçado *Galilée*, desta ultima potencia, bombardeou Casa Branca um dia e uma noite arrazando grande numero de habitações, levando o incendio e a morte á povoação aterrada, que abandonou o local, fechando os estabelecimentos.

A luta tem continuado, contando-se já grande numero de marroquinos mortos nos combates, de mera policia, pois não se entrou ainda em guerra declarada, o que não se poderá fazer sem acordo das potencias interessadas em Marrocos.

Infelismente essa guerra parece fatal.

Não ha duvida que os marroquinos, dominados pelo fanatismo da sua religião, se opõem abertamente á intervenção dos europeus no seu pais, olhando-os como inimigos do Profeta e levantando por isso a guerra santa, sendo esta hoje o grito daquelle povo, que proclamou um novo sultão Muley Hafid, irmão do que querem destronar.

O novo sultão considera-se sem compromissos com as potencias, ficando assim quebrado o acordo da Conferencia de Algeciras; resta porem saber se por esse facto as potencias tambem se consideram desobrigadas desse acordo para declararem a guerra a Marrocos, ou simplesmente procurarem dominar a rebelião para conservar no trono Abd-el-Azis.

Como se vê esta questão complica-se, e não é facil prever até onde chegará, pois dificilmente se restabelecerá a paz em Marrocos, sobre tudo paz duradoura, vista a relutancia dos marroquinos em aceitarem os beneficios da civilisação europêa.

MARROCOS — PORTA DAS MURALHAS DE CASA BRANCA

(1) *Historia dos Estabelecimentos Scientificos, Literarios*, etc., por José Silvestre Ribeiro. Volume 1.°

(2) Recordações de Jacome Raton. Paginas 212 a 214.

(3) Vid. *Occidente* pag.as 18, 20, 35 e 36 do vol. XXIV, 1906.

NECROLOGIA

D. Maria Guilhermina de Mesquita

Triste nova trouxe um dos ultimos vapores chegados dos Açôres, qual foi a de ter falecido em Angra do Heroismo a sr.a D. Maria Guilhermina de Mesquita, mãe do nosso querido amigo e notavel publicista sr. Alfredo Mesquita.

Era D. Maria Guilhermina de Mesquita, senhora de grande ilustração, que se distinguiu no nosso limitado meio literario feminino, por suas produções em prosa e poesia, com que durante alguns annos esmaltou a imprensa açoriana. Alma bondosa viveu para o bem, e a ella devem os Açôres o estabelecimento das Cosinhas Economicas de que fundou a primeira na sua terra natal.

D. MARIA GUILHERMINA DE MESQUITA

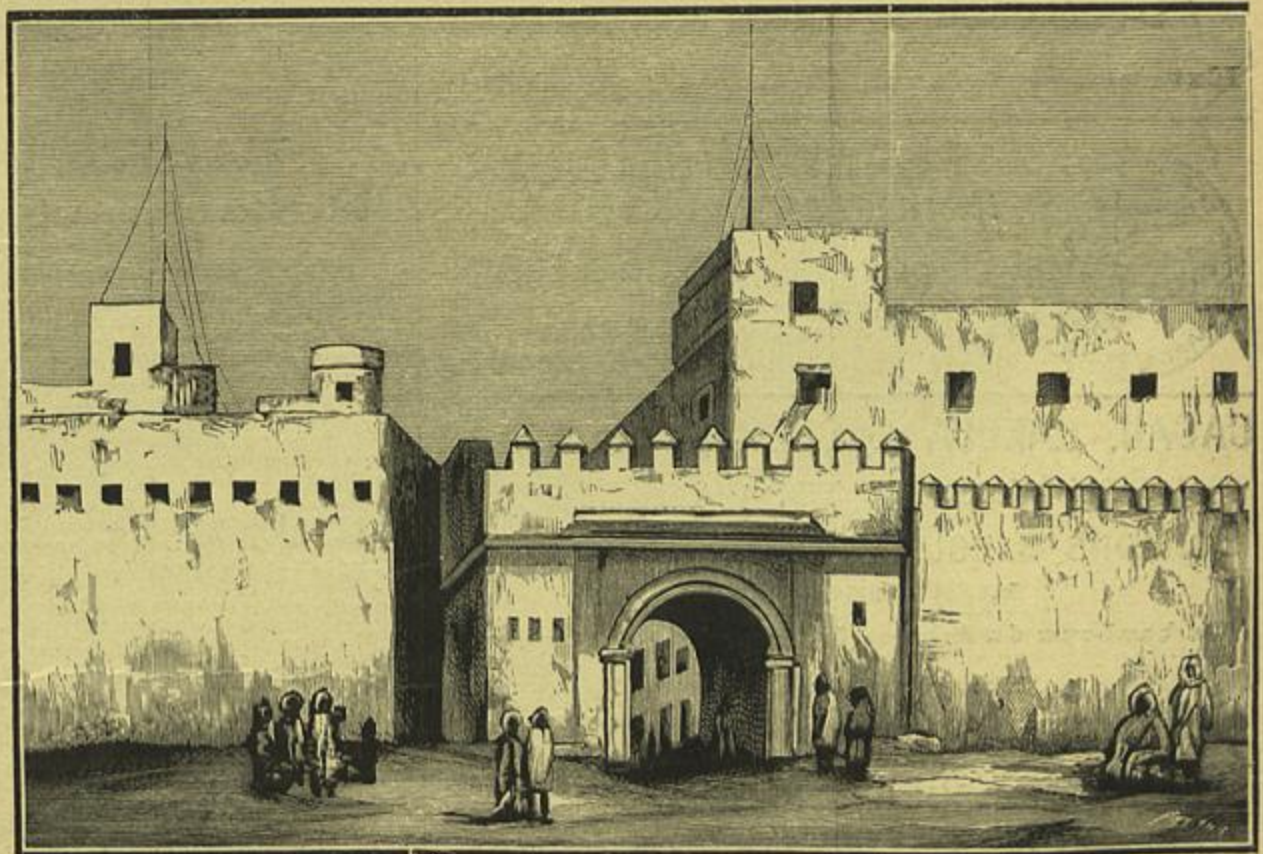
Senhora de espirito elevado destacou-se na alta sociedade angrense, na vida das salas, onde sua conversa era sempre escutada com interesse, cheia de animação e de conceito.

Houve tempo que assim foi; depois vieram os annos e os desgostos, sobre tudo a morte de dois filhos queridos, e aquelle espirito principiou a recolher-se, a procurar o isolamento, e a sua pena, que tanto brilho tinha, mergulhou de vez na tinta negra, tão negra como o luto que envolvia seu coração.

Assim decorreram os ultimos annos da sua existencia, rodeada, muito embora dos respeitos de todos que apreciavam suas excelentes qualidades, mas que nem por isso metigava a tristeza de sua vida.

D. Maria Guilhermina de Mesquita era irman da mãe dos srs. conselheiros dr. Jacinto e Emigdio da Silva, e do falecido dr. Fernando Rocha, um dos mais distintos oradores açorianos.

Pertencia, pois, D. Maria Guilhermia de Mes-

quita a uma familia tão distinta por sua posição social, como pelo talento que lhe anda vinculado, e do qual não desmerece seu filho Alfredo Mesquita, a quem enviamos nosso abraço de sincero pesar pela perda de sua mãe, a maior que temos na vida.

Joseph Joachim

Mais um celebre d'entre os celebres acaba de deixar o mundo dos vivos. Esse vulto, que ainda hoje não encontrou rival, é o grande mestre de violino, o maior de todo o virtuose Joseph Joachim que ha mais de 50 annos faz a admiração de todos aquelles que se interessam por musica.

Era o rei do violino. É este o nome porque era conhecido na Allemanha e com justiça, porque nenhum outro virtuose atingiu até hoje tão grande grau de perfeição. Ysaye, Kreisler e outras notabilidades estão longe de o egualar.

O dia 17 de agosto de 1907, em que faleceu foi considerado de luto na Allemanha e no grande cortejo funebre se incorporaram, os maiores vultos notaveis do reino, incluindo n'esse numero o Imperador Guilherme que não quiz deixar de, pela ultima vez, se despedir d'aquelle a quem, em vida, tanto admirou.

O VIOLINISTA JOSEPH JOACHIM

Joachim nascera a 28 de junho de 1831, em Kittsee, pequena aldeia da Hungria, e já em 1838 se apresentava ao publico com successo estrondoso, considerando-o os criticos da epoca, a par dos nomes de Violti, Baillot, Spohr e Seveik, os celebres d'então. Estudou sobre a direcção do professor Boehm no conservatorio de Vienna, e foi director dos concertos de Weimar, mestre de capella de Hannover, membro da Academia de Berlim, director do conservatorio de musica da Prussia e socio honorario da classe de musica das universidades de Cambridge e Oxford Era tambem compositor de merito, seguindo a escola de Schumann.

Em todo o mundo era admirado, em todo o mundo era grande, em todo o mundo era um *genio.*